

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES NA UNIVERSIDADE

O Mitraismo, por Agostinho de Almeida pag. 175

QUESTIONARIO » 196

VIDA ASSOCIATIVA DA UNIVERSIDADE LIVRE

Cursos..... » 197

Conferencias.. » 197

Da Imprensa » 198

Les Premières Leçons Français.... » 198

Publicações da Universidade Livre » 199

Balancete do mês de Novembro de 1914 » 200

Principios elementares de calculo financeiro, por Oliveira Ribeiro (em separata)..... pag. 4

ANO I

N.º 11

NOVEMBRO DE 1914

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: Antonio M. Pires

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —

— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:



AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

O Mitraísmo



(Realizada em 7 de Junho de 1913, pelo sr. Agostinho de Almeida)

(Continuação do numero anterior).

O Mitraísmo, como bem observa Cumont, chegando do Ocidente perfeitamente adulto, já não assimilou os elementos do meio ambiente, se houve alterações, estas devem ter-se limitado a um ou outro retoque de somenos importância.

Por outro lado, é muito inverosímil que as lendas mitraíticas, que desde os principios da nossa era achamos figurando nos monumentos mitraíticos, se possam attribuir a quaisquer influências cristãs.

Na realidade, custa a admitir que as narrativas cristãs se tornassem logo tão conhecidas e acreditadas que não só se fizessem introduzir no tesouro sagrado de uma religião, já com tradições fixas e diferentes da narrativa cristã, mas além disso, o que é mais difficil ainda de aceitar, que tais narrativas se fizessem sem demora gravar sobre as lápides dos monumentos mitraíticos, para serem por toda a parte expostas e impostas á consciência mitraítica, como o mais antigo e sagrado depósito da sua religião, quando na realidade não passavam de um grosseiro plagiato da véspera e em desacôrdo com as lendas até ali vigentes. Seria tambem extraordinário que, se de facto se tivessem dado tais alterações, nas lendas e idéas mitraíticas, numa época em que o Mitraísmo já se encontrava largamente espalhado, essas alterações tivessem podido introduzir-se por toda a parte sem terem provocado uma dissidência, sem terem levantado um protesto

ou feito surgir escrúpulos nas consciências dos mais conservadores, sobretudo, nas comunidades da Asia menor.

E note-se que se tal facto se tivesse dado, os apologistas cristãos, anciosos de desprestigiar o Mitraísmo e de ordinário tão difusos, não deixariam de pôr em relêvo tais divergências. Por outra parte, o mesmo modo de falar dos apologistas cristãos nos dá a entender que as práticas e dógmas mitraíticos são anteriores ao cristianismo. Eles com efeito ao observarem as analogias existentes entre o Cristianismo e o Mitraísmo e, ao verem-se forçados a desacreditá-lo, para melhor salvaguardarem a santidade e prestigio das tradições cristãs, o único argumento de que lançam mão para este fim, é atribuirem o facto a uma invenção diabólica, pelo que respeita ao Mitraísmo.

Ora, se o Mitraísmo tivesse plagiado do cristianismo, alguns dos apologistas cristãos contemporâneos de tal plagiato ter-se-hiam porventura limitado a lançar mão apenas de um argumento tão frágil e praticamente nulo, esquecendo o verdadeiro argumento, que estava em declarar abertamente que os sacerdotes de Mitra tinham feito recentemente tal plagiato?

Acresce a tudo isto que alguns dos mesmos escriptores cristãos nos indicam francamente, que o Mitraísmo não copiou do Cristianismo.

Assim, Fírmico e Justino nos dizem que o demónio tentando todos os meios de arruinar as almas já havia antes do Cristianismo recorrido a falsas imitações dos mistérios de Cristo, tais como a Ceia e outros.

Celso e outros filósofos, estabelecendo o paralelismo entre Cristo e Mitra, não fazem mais do que confirmar-nos na mesma idéa.

O mesmo Cumont, uma das principaes autoridades, neste assunto, nos diz que a principal inovação que se deu no Mitraísmo depois de ter entrado em Roma, consistiu apenas em substituir o persa pelo grego e mais tarde pelo latim.

Uma outra circunstância que parece vir corroborar o sobredito está no zêlo extremo, que os cristãos puzeram em destruir todos os documentos, que se relacionavam com o Mitraísmo. Ora, não é desta maneira que se teme e trata um mero plagiário.

Agora creio ser tempo de tratarmos do ultimo ponto desta questão, o mais melindroso de toda ela.

Ter-se-hão mais ou menos conscientemente infiltrado alguns dos dogmas e lendas mitraíticas, nos escritos primitivos da Igreja nascente, por meio dos Essenistas, por meio dos Mitraistas conversos ao Cristianismo, ou por meio de algum escritor ou catequista, que atraído pela beleza das lendas e dogmas mitraíticos os julgou dignos de figurarem na história de Jesus?

A este propósito permita-se me citar um facto curioso e sugestivo, que se deu nos primeiros séculos. Lemos no Martiriológico, aos 27 de Novembro, o seguinte: «Apud Indos Orientales, Persis finitimos, sanctorum Barlaam et Josephat quorum actus mirandos Sanctus Joannis Damascenus conscripsit.» «Entre os Indos Orientais, que confinam com os Persas, (celebra-se a festa) dos santos Barlaam e Josefath, cujas admiraveis acções escreveu S. João Damasceno.» Ora, está provado hoje que S. Josefath nunca existiu. Este santo não é mais da que uma adaptação das lendas de Budha.

O mesmo P.^e Ghein nos diz, na revista Bollandista: ⁽¹⁾ «Le doute n'est plus possible, l'histoire de ce personnage reproduit trait par trait celle de Budha».

E como é que se deu tão extranha adaptação? Algum escritor cristão dos primeiros séculos deparou com a lenda de Budha, como nos sugere o mesmo Ghein, e atraído pela beleza do seu colorido, purificou-a de alguns elementos evidentemente míticos, retocou-a aqui e ali, trocou o nome de Budha em o de Josefath e, assim veio a passar ao catálogo dos santos cristãos esta segunda edição de Budha. E o que vem fazer a história mais interessante ainda é que os Venezianos diziam possuir uma relíquia do santo, se não me engano, um anel da coluna vertebral, o que fez do santuário, onde se conserva a suposta relíquia, um centro de peregrinações e de milagres, como era de esperar.

O facto é typico e é caso para repetirmos a célebre frase: «A fé opera milagres.» Com effeito, o santo não os podia operar, pois não existia. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Revista de um valor incontestavel, no que respeita a Hagiografia cristã e dirigida pelos Jesuitas belgas.

⁽²⁾ Não extranhe o leitor o que eu acabo de dizer. As relíquias

Caso análogo se deu com outras personagens do Cristianismo primitivo, como por exemplo com S. Procópio. As primeiras versões da sua vida diferem tanto das subsequentes que só com muita dificuldade se tem conseguido reconhecer nelas alguns dos traços originaes. Tão espessas foram as malhas da rede lendária com que a piedade e falta de critério dos hagiógrafos cristãos se apressaram a colori-las e desfigurá-las!

Ora, não se terá dado o mesmo, ao menos em parte, no que respeita a história de Jesus? ⁽¹⁾ Não terá havido nela adaptações de elementos extranhos, alguns dos quais mitraíticos? Como vêdes, esta questão é de um grande alcance e daria assunto a largas dissertações, eu, porém, limito-me a apresentar-vos algumas considerações, que

foram, por muitos séculos objecto de uma exploração torpe; e não sei, se mais se deva admirar a credulidade supra-infantil dos que as veneravam, como tais, se a má fé daqueles, que as expunham á veneração popular, escreviam histórias fabulosas a propósito dessas mesmas reliquias, compunham hinos, orações, etc. Para illustração do que acabamos de dizer, bastar-nos-ha citar algumas das reliquias, que existiam no século xv, na catedral de Canterbury.

Entre muitas outras, figuravam no relicário da sobredita catedral as seguintes: A fita com que a Virgem atava os seus cabelos e as tranças do mesmo cabelo (!); tres espinhos da corôa de Cristo e um pedaço do seu manto (!); um pedaço da espádua do S.^{to} Profeta Simeão, que teve Jesus entre seus braços (!); um dente do proto-martyr S.^{to} Estevão (!); um dente de S. Bento; sangue dos apóstolos S. João e S. Tomé (!); um vaso com óleo, que mana do túmulo de S.^{ta} Catarina (!); o cabelo da *virgem* (!) Maria Madalena; os lábios de um dos Inocentes mandados trucidar, por Herodes (!!); etc. E' verdadeiramente assombroso! E não me recôrdo se era noutra catedral de Inglaterra ou da França, que tambem se expunham á devoção dos fieis uns calções, que se dizia terem sido de S. José. Não ha muitos anos ainda que, na Itália ao examinar-se uma reliquia, que se supunha ser de um santo, se reconheceu não ser mais que um osso, muito provavelmente, de um quadrúpede.

Cf. as relações publicadas, pela «Sociedade Literária de Stuttgart».

(1) Cf. Ewald, «Geschichte Christus' und seiner Zeit». E. Clodd, «Jesus of Nazareth» Keim, «Gesch. Jesu von Naz.»; Hilgenfeld, «Die Evangelien»; Pfeiderer, «Urchristentum», Holzmann, «Die Synopt. Evang.»; Bernhard Weiss, «St. n. Kr.»; E. A. Abbott, «The corrections of Mark»; A. Wright, «The composition of the Gospels»; Badham «The Formation of the Gospels»; Schenkel, «Das Charakterbild Jesu»; Volkmar, «Jesus N. und die erst christliche Zeit»; Renan, «Vie de Jesus»; Lessing, «Neue Hyp. über die Ev. als bloss menschliche Geschichtschreiber betrachtet.»

um crítico imparcial não pode omitir, sem deixar de ser fiel á sua missão.

Afinal, que é o que todos nós desejamos, senão a verdade, o unico pão de um espirito sadio e livre?

E em primeiro lugar, que o Mitraísmo exercesse na arte cristã dos primeiros séculos uma grande influência é hoje um ponto fóra de duvida. Os peritos são unânicos em reconhece-lo. ⁽¹⁾ As figuras alegóricas do ciclo cósmico dos tempos de Mitra foram mais tarde adoptadas pelo Cristianismo, apesar de serem contrárias ao seu espirito. Igualmente se infiltraram nos templos cristãos as figuras do Céu, da Terra do Oceano, Sol, Lua e Signos Zodiacais. Até os mesmos Ventos, Estações e Elementos tão frequentes na arte mitraítica se acham imitadas nos sarcófagos, nos mosaicos e miniaturas cristãs.

Os mesmos episódios das lendas de Mitra serviram de modelo aos artistas cristãos, para figurarem passagens bíblicas. Mitra, desferindo a seta contra uma pedra, inspirou as primeiras representações, que achamos na arte cristã de Moisés ferindo a rocha no deserto. O sol transportando a Mitra para o Olimpo serviu igualmente, para representar a ascensão de Elias, em um carro de fogo. O Mitra tauroctono serviu tambem para representar a Sanção despedaçando o leão.

O peixe das catacumbas, o Bom Pastor e até os mesmos Reis Magos parece terem sido meras cópias de monumentos mitraíticos levemente retocados, como querem Reville, Dieterich, Bienkowski e outros.

Ora, o que se deu com o artista do pico ou do cinzel não se terá dado em parte com o artista da pena e da palavra: com o catequista e com o escritor mais expostos que aqueles ás seduções do plagiato e da lenda?

Note-se que os primeiros escritores cristãos não nos devem inspirar sempre uma confiança cega, na sua sinceridade e sobretudo no seu critério. ⁽²⁾ Creio que o es-

⁽¹⁾ Cf. Cumont, Dieterich, Robertson, etc.

⁽²⁾ Harnack, um dos vultos mais proeminentes da crítica Evangélica, diz ácerca de Lc. «Luke is an author whose writings read smoothly; but one has only to look somewhat more closely to discover that there is scarcely another writer in the New Test. who is so careless an historian as he. . . . This is true both of the Gospel and of the Acts». Cf. «Luke the Physician». Williams and Norgate, 1907, English translation.

tudo da psicologia dos escritores cristãos dos primeiros séculos está ainda em parte por fazer, e só quem fôr muito lido na literatura das primeiras gerações cristãs poderá fazer uma idéa exacta de facilidade com que esses escritores admitiam lendas incríveis ou as inventavam e exploravam em favor das suas idéas. Como prova temos toda a literatura dos Apócrifos, os «Reconhecimentos de Clemente», Papias, Hermas, etc., etc. Em suma, podemos afirmar que não há escrito dessa época onde não se descubra o elemento lendário em acção. ⁽¹⁾

Schmiedel diz: «Every page of it (i. e. o Ev. de Luc). shows signs of pains, literary labour, and good taste. It is by far the most beautiful, picturesque and pathetic of all the Gospels. . . But if bald facts are in question, it is probably the least authoritative of the four.»

A'cerca do Evangelho de João escreve o mesmo autor: «It will never be possible to learn with absolute certainty how far he treated materials presented to him with freedom, and how far he himself framed narratives or portions of narratives in order to give his thoughts pictorial expression».

Conybare escreve a propósito de Marcos: «The Gospel of Marc is a redaction only. . . taken without acknowledgement from some earlier writers, just as the first and third evangelists took from Marc.»

Pelo que respeita a Mateus, é opinião de Holtzmann e muitos críticos contemporâneos que algumas das suas narrativas são destituídas de toda a realidade. Segundo estes autores, elas devem ter sido sugeridas por profecias do «Antigo Testamento» e concretisadas em factos reais, pelo próprio Mateus ou pela comunidade cristã, donde Mateus, neste caso, as teria haurido.

A'cêrca dos quatro Evangelistas observa ainda Schmiedel: «Each evangelist in his own way is influenced by, and seeks by his narrative to serve, the apologetic interest.»

Cf. Loisy, Strauss, Bauer, Krit. Unters. über die Kanon. Evang., Schulze, «Evangelientafel» P. W. Schm., que desenvolve este ponto, no seu artigo «Gospels».

São considerados, pelos criticos como meros símbolos, e portanto destituídos de toda a realidade histórica os seguintes episódios evangélicos: as tentações do deserto, as bodas de Caná, a Samaritana, a pesca miraculosa, a cura do paralítico, na piscina de Bethesda, a marcha de Pedro sobre as ondas, o sono dos apóstolos no Getzemani, a resurreição de Lazaro, a maldição da figueira, a tempestade enquanto Jesus dorme no barco, etc.

A discussão destes pontos levar-nos-hia demasiado longe, e ficaria além disso, fóra do fim, que temos em vista.

⁽¹⁾ No mesmo Apocalipse se nos deparam vestígios evidentes de várias das lendas, que eram correntes entre as comunidades cristãs dos primeiros séculos, como por exemplo, a lenda do «Milenário». Isto seria suficiente para desacreditar tal livro, que os mesmos «Alo-

Ora, seria a pena dos Evangelistas tão refratária ao meio ambiente que nunca se tenha molhado na tinta da lenda?

Um outro factor que parece vir corroborar tais suspeitas é o seguinte: nós sabemos que alguns dos primeiros discipulos de Cristo eram Essenistas ou haviam tido uma certa conexão com êles. (cf. Grätz). Ora o Essenismo, seita que gosou de uma grande reputação entre os Judeus, era uma amalgama de idéas judaicas e zoroásticas, intimamente conexas com o Mitraísmo, como no-lo atestam Lightfoot, Hilgenfeld, Cheyne e outros; donde se segue que os Essenistas deviam ter um conhecimento mais ou menos intimo de Mitra, das suas lendas e dogmas. Lightfoot pretende até que êles ao tempo de Cristo adora-

gi» no século II alcunharam de «Montão de fábulas». Não obstante a Igreja considera-o, como divinamente inspirado. O «Milenarismo» consistia na crença de que Cristo voltaria em breve á terra, para reinar na cidade de Jerusalem, como rei temporal, durante o espaço de mil anos. Ao fim dêste período Satan seria sôlto das cadeias, que o agrilhoavam, suscitaria Gog e Magog contra o mesmo Cristo, congregaria um exército mais numeroso que as areias do már e viria assim dar-lhe batalha; mas Cristo auxiliado na peleja por cavaleiros celestes, montados em cavalos brancos, desbarataria por completo as hostes Satânicas.

Durante o período do «Milenário», como nos dizem os escritores cristãos, não seria preciso trabalhar, pois que a terra produziria com uma abundancia prodigiosa o de que os homens carecem. Cada videira produziria 1000 ramos; cada ramo 1000 cachos; cada cacho 1000 bagos e cada bago umas 7 medidas de vinho! E o mesmo se diga dos cereais: cada semente produziria 1000 pés; cada pé 1000 espigas e cada espiga 1000 grãos!

E creio ser escusado continuar a desenvolver este ponto. O que já disse bastará para nos dar uma idéa da mentalidade das primeiras gerações cristãs. Crampon, escritor católico, nos diz que «*Pendant les premiers siècles de l'Église le Millenarisme fut conçu comme le retour glorieux de J. C. venant régner sur la terre avec ses saints pendant mille ans avant le jugement général. Cette attente était commune, nous pourrions dire populaire parmi les premiers fidèles* (Papias, S. Justin, S. Irénée, Tertulien, etc.)» E tal foi a influência, que estas concepções errôneas vieram a gosar ente os cristãos que chegou até a ter-se como hereje o que pozesse em dúvida a sua realidade! (cf. Justino).

É bom observar que vários autores tem visto nestas narrativas influência pérsicas. «The description of the binding and loosing of Satan recalls the Persian legend of the chaining of the dragoon Azi Dahak». (cf. W. Bousset.)

A mesma idea do Milenário parece ter originariamente derivado da Pérsia. (cf. M'Lean, Thyselton-Dyer.)

vam o sol, o que nos vem confirmar na sobredita opinião. Não se terão, por este meio, infiltrado no Cristianismo, algumas idéas mitraíticas? Ora, que no Evangelho se infiltraram algumas ideas essenistas, no que respeita á moral, é pouco menos que certo.

Citemos alguns exemplos apenas. A suposta proibição de Cristo ao jovem, que lhe pedia para ir cumprir um dever de piedade filial para com seu pai moribundo, os textos de Mateus e Lucas, em que Jesus se diz ter vindo trazer á terra não a paz, mas a espada e semear a discórdia entre os membros da família, «Eh diamerismon pater ef' uio»; o célebre teuto; «Quem não tem ódio ao pai e mãe não póde ser meu discipulo»; todas estas expressões nos revelam uma crudesza de sentimentos indignos da larguesa de vistas e elevação de sentimentos de um verdadeiro Cristo. Alem disso, a suposta incompatibilidade entre o amor dos pais e o amor de Cristo seria uma quasi blasphêmia, nos lábios de Jesus, uma contradição flagrante.

A explicação satisfatória destas logias e de outras semelhantes está, segundo creio, em que elas não passam de infiltrações das idéas ascéticas do Essenismo então vigente e que prégava o abandono da casa paterna, a fuga da sociedade, a ruptura dos laços familiares e a vida ermitica, como a quinta essência da sabedoria, e o único meio de atingir a perfeição e atrair o favor do céu.

O mesmo se diga das palavras que o Evangelho põe por várias vezes, nos lábios de Jesus, para com sua mãe. E' extraordinário que todas as vezes que Jesus se dirige a sua mãe o faça de um modo ríspido sem que jámais lhe bróte dos lábios uma palavra de affecto para com ela; e isto, mesmo nos momentos em que a sua alma de mãe se sente repassada da mais amarga dôr, por causa de seu filho! E' um facto digno de reflexão, e que a meu ver só acha uma explicação sufficiente, nos ideais fátuos e exaggerados do Essenismo. ⁽¹⁾

Outro exemplo: «Emprestai áqueles de quem não esperais tornar a receber»; «Não peçais a quem emprestas-

(1) O Essenismo era no judaismo quasi o mesmo que o nosso Ascetismo é no catolicismo. Como é sabido o Ascetismo nas suas ultimas conclusões não é mais que uma espécie de loucura religiosa. As suas tendencias são absolutamente irreconciliaveis com a presente Providencia, com as tendencias naturais e lícitas da humanidade, etc.

tes nem a quem vos espoliou»; «A'quele que pretende roubar-te a capa cede tambem o casaco; «Não resistais aos maus» «Apresentai a face direita a quem vos ferir na esquerda», normas estas, todas inconsistentes com a bôa ordem e o bem estar de qualquer sociedade e indignas portanto duma sabedoria, que se diz divina. Por outro lado, todas elas estão de pleno acôrdo com os ideais dos Essenistas.

A proíbição de acumular riquezas, que Jesus faz aos seus e que de facto vigorou entre os Essenistas, a célebre logia: «E' mais facil entrar um camelo pelo orificio de uma agulha que um rico no reino do céu». «Não estejais solícitos com o que haveis de comer ou beber amanhã, e outras expressões análogas são igualmente irreconciliáveis com a economia presente e uma verdadeira infiltração Essenista, se atendermos a que os Essenistas consideravam as riquezas, como incompatíveis com a virtude, êles chegaram até ao extremo de considera-las como uma espécie de crime; e o mesmo Evangelho nos sugere a mesma idéa, na expressão «Mamonae iniquitatis» como quem dissera: «Riquezas malditas!»

Outras logias, tais como: «Não jureis em caso algum»; «Não saudeis a quem encontrardes pelo caminho»; «Ai daquelas que dão á luz!», vêm confirmar-nos nas mesmas idéas. Com efeito os Essenistas, faziam promessa de não jurar, tinham em grande apreço o silencio e a virgindade, ao mesmo tempo que reprovavam o casamento e consideravam as relações conjugais como contaminadoras tanto do corpo como do espirito. ⁽¹⁾

(1) Encontram-se tambem vestígios destas ideas, em Paulo (I ad Cor.); e vários escritores católicos chegaram tambem a defender que as mesmas relações conjugais envolviam, pelo menos, um pecado venial. Seria belo que Deus impozesse o preceito do «Crescite et multiplicamini» e que, ao mesmo tempo, a obediencia a esse preceito involvesse um pecado! Bela logica!

A influência desta idea errônea, na Igreja chegou a fazer-se sentir na mesma administração do Sacramento da Extrema Unção e da Eucharistia! Pelo que respeita a esta diziam os Escritores católicos que era bom abster-se da Eucaristia por um ou dois dias após as relações conjugais; e pelo que se refere aquella chegou a ser proibido aos fieis que depois de terem santificado os rins e lombos com o óleo sagrado deste sacramento jamais tivessem de novo relações conjugais, facto este, que envolveria uma profanação do Sacramento e dos órgãos santificados pela santa unção!

Ora, se se poderam infiltrar no Evangelho ideas Essenistas no que respeita á moral, ás logias de Cristo, não se terão por êste mesmo meio infiltrado igualmente no mesmo Evangelho ideas mitraíticas no que se refere aos episódios da vida de Cristo? Dada a influência que os Essenistas, saturados de ideas zoroásticas, parece terem exercido no Cristianismo nascente, dada a estreita analogia existente entre as lendas mitraíticas e algumas das narrativas Evangélicas, e por fim, dada a inverossimilhança de algumas destas últimas, não se torna muito provavel que tal infiltração se tenha dado?

Lembremo-nos de que Marcion e os Ebionitas exprobram aos Cristãos de terem alterado a verdadeira figura de Cristo, com lendas e que os sacerdotes da «Magna Mater», em conexão com o Mitraismo, censuram tambem os cristãos de lhes terem plagiado a idéa da Redenção, pelo sangue do Cordeiro. O mesmo é o que nos dizem Celso, Porfírio e outros. Paulo já se lamenta de que alguns consumam muito tempo com lendas de velha e genealogias a respeito de Cristo. Ora, as genealogias ⁽¹⁾ lá as temos

Foi por esta e por algumas outras razões que omito aqui, que por muitos anos ninguém queria receber este sacramento.

(1) As genealogias segundo os eruditos seriam um apêndice, que mais tarde veio juntar-se aos Evangelhos e que parece terem passado por diferentes redações em alguns pontos, sobretudo nos que dizem respeito ao dogma. Cf. Harnack, Loisy, Hofmann; Hastings, «Dictionary of the Bible», etc. E' interessante observar as múltiplas redações sob que se nos apresenta em alguns dos mais antigos códices, o célebre texto de Mt. c. 1-16, que fecha a lista genealógica. O códice siríaco luduv. tem: «José, com quem a Virgem Maria tinha casado, gerou Jesus Cristo». Os códices Maiúsculos e a Vulgata têm: «José espôso de Maria, de quem nasceu Jesus, que se chama Cristo.»

Alguns críticos, como Harnack, Burkitt, etc., querem que a primeira versão deste texto tenha sido a original, que mais tarde por motivos dogmáticos veio a ser modificada, até chegar á versão que nos apresenta a Vulgata, em que se ensina assáz claramente o nascimento sobrenatural de Jesus.

Ha ainda várias outras versões do mesmo texto, como por exemplo: «Jacob gerou José, o espôso de Maria da qual nasceu Jesus, chamado Cristo, e José gerou Cristo. Cf. Justino Dialogos. Outra versão Siríaca diz: «E José tomou a sua espôsa e ela gerou-lhe um filho», etc.

Esta questão das genealogias é demasiado complicada para se poder tratar em uma nota. Permite-me, no entanto, o leitor que eu lhe apresente duas reflexões apenas. a) Os evangelistas pretendem por meio delas provar que nas veias de Jesus corre o *sangue de Da-*

nos Evangelhos, e não teremos também algumas das tais lendas de velha? Coisa análoga transparece de algumas frases de Papias, apesar de êle ser também um dos arqui-legendários do Cristianismo primitivo.

Demais, há no Evangelho alguns pontos, que parece virem confirmar tais suspeitas. Vejamo-lo: em primeiro lugar, ha no Evangelho algumas particularidades, que creio serem demasiado significativas para as passar em silêncio. São elas o papel importante que nele se fazem desempenhar as pedras, os peixes e o sol, coisas estas, todas em conexão mais ou menos íntima com as divindades solares e que no Mitraismo tinham um lugar proeminente. Assim, Mitra nasce de uma pedra, e entre pedras,

vid. Parece portanto que o unico processo, que êles tinham a seguir era o de nos provarem que Maria descendia de David; não obstante, tal não fazem, limitando-se apenas a mostrar-nos que José, espôso de Maria, era descendente de David! Como explicar um processo tão desconcertante, supondo que na mente dos evangelistas existia já a idea da conceção sobrenatural de Jesus? E' um ponto digno de reflexão, segundo creio. b) Não parece também bastante extraordinário que o Eterno, tendo resolvido enviar o seu Filho predilecto á terra, não pozesse um zêlo maior, em lhe dar por ascendentes, homens de um carácter moral um pouco mais elevado que o daqueles, que de facto lhe deu? Se, com efeito, nos dermos ao trabalho de examinar os antepassados de Cristo, acharemos que a sua arvore genealógica consta, na sua grande maioria, de uma série de adúlteros infames, de devassos da marca Heliogábalo, de fraticidas do tipo Caim, de apóstatas mais fanáticos que Juliano, de tiranos mais brutais que Nero, de opressores destituídos de todo o sentimento de humanidade, de assassinos cobardes, de falsários, de perdulários estúpidos, emfim, uma colecção de tudo quanto ha de mais *degradante* na ordem *moral*!

São estas as tradições de família com que o Eterno cêrca o berço de seu Filho! E' o sangue destes belos exemplares da humanidade que corre nas veias de Jesus! Não será este facto digno também de alguns momentos de reflexão? (Cf. os Livros dos Reis, o Paralipomenon, Isaias, etc.)

Em conexão com esta questão, escreve H. Usener, professor de filologia clássica na Univ. de Bonn: The addition in Lk. of the words «as was supposed» and the closing words in Mt's list «Joseph, the husband of Mary of whom was born Jesus, who is called Christ» betray the hand of the harmonising redactor; but such faltering touches have not sufficed to remove the absolute incompatibility between the narratives of the Nativity and these genealogies, of *which Joseph, not Mary, is the subject*. If we adopt Lk's statement (1-36 as historical, *Mary had no connection with the house of David: she was a kinswoman of Elisabeth, and Elisabeth was «of the daughters of Aaron (1-15)».*

opera milagres sôbre as pedras, êle mesmo é a pedra, emfim, como é sabido, as pedras desempenhavam no Mitraísmo um papel importantíssimo. Jesus nasce também entre as pedras da gruta, morre num monte rochoso, as pedras partem-se por ocasião da sua morte, êle é enterado em pedra viva, como parece ter sido também Mitra, as pedras desempenham um papel importante nas suas tentações, como o desempenham igualmente nas tentações das lendas Zoroásticas Jesus é a rocha eleita, angular, como o era Mitra, e é sôbre uma rocha, que êle assenta as bases da sua igreja.

Creio não ser fóra de propósito observar que no século VIII ainda subsistia entre os cristãos uma reverência especial para com as pedras, como no Mitraísmo; tanto assim, que o Concilio Leptineux proíbe aos cristãos que continuem a fazer votos ás pedras. «Nullus christianus ad fana vel ad petras vota reddere praesumat.»

Quanto aos peixes, Mitra era figurado em um peixe e em alguns banquetes mitraíticos vemos também que figuram os peixes. No cristianismo primitivo a imagem de Cristo sob a figura de um peixe era vulgaríssima. O peixe era o distintivo dos cristãos e nas catacumbas acham-se freqüentemente representados banquetes cristãos, onde também figuram peixes. Pedro tira da bôca do peixe a moéda para pagar o tributo e Cristo inicia e termina as suas relações com os Apóstolos por pescas miraculosas. cf. Mc. c. I; Jn. c. XXI.

Pelo que respeita ao sol, Cristo é nos apresentado repetidas vezes sob a imagem do sol. O IV.º evangelho sobretudo é desde o principio ao fim sublinhado pela idéa de Cristo sol, em constante opposição com as trevas, como Mitra nos é apresentado no Mitraísmo, como o deus da luz em luta constante com Ahriman, que é o espirito das trevas, o inimigo da luz. A noite é nos Evangelhos a hora do poder das trevas «potestas tenebrarum», do mesmo modo que para os mitraistas as trevas eram o símbolo do poder de Ariman. Mitra era o «logos» e o mesmo é Cristo, no IV.º Evangelho.

Não deixa também de ser curioso observar que se encontram na biografia de Cristo os episódios e símbolos principais, que caracterisam as lendas referentes ás divindades solares. E' por isso que alguns autores tem ultimamente pretendido provar que a vida de Cristo é

em parte uma espécie de compendio aperfeiçoado das lendas das divindades solares. ⁽¹⁾

Não deixa também de ser digno de reparo o facto de que tanto no Mitraísmo como no Cristo dos Evangelhos se nota uma predileção especial pelas montanhas, pelos lugares elevados, o que facilmente se entende em lendas de divindades solares ou em documentos por elas influenciadas.

Assim, Maria apenas concebe parte para as montanhas; os anjos anunciam o nascimento de Cristo aos pastores que pernoitavam nos montes; apenas nascido forçado a fugir para os desertos, para se subtrair á ferócia de Herodes; ⁽²⁾ o seu pregoeiro vive nos montes desertos; Jesus retira-se também para os montes desertos, onde passa 40 dias em jejum absoluto (!) e onde é tentado pelo demónio; é sobre um monte donde se vê toda a terra que o demónio o coloca e lhe oferta o império do mundo; Jesus retira-se por várias vezes para os montes; êle transfigura-se no Tabor onde se reveste dos esplendores do sol; sóbe a um monte para divulgar a sua lei; é seu costume ir passar as noites no Getsemani; morre e é enterrado num monte e sobe ao ceu de um monte, o Olivetti. Os montes ou lugares elevados foram na antiguidade considerados como lugares especialmente gratos ás divindades, e particularmente ás divindades solares.

Estas suspeitas de uma tal ou qual influência mitraítica, nos Evangelhos são reforçadas pelo facto de que ha algumas malhas na rêde da narrativa cristã, que difficilmente se podem admitir como a expressão de factos históricos, e dada a grande afinidade, que existe entre tais narrativas e algumas das lendas irânicas torna-se verosimil, como acima observámos, que elas tenham sido, ao menos em parte, influenciadas por elementos mitraíticos.

Tomemos por exemplo o nascimento de Cristo, o seu baptismo, as tentações no deserto e o carácter isotérico, que se atribue ao seu ensino. Como é possível admitir como históricos todos os factos, que se diz terem cercado o berço do Salvador, tais como os milagres em conexão

⁽¹⁾ Cf. Drews, Viviani, Robertson, Solomon Reinach, Reville, Seydel, etc.

⁽²⁾ Episódio análogo se encontra em quasi todas as lendas referentes ao nascimento de divindades solares.

com a concepção e nascimento de Baptista, factos, que produziram um grande abalo no paiz, como o observa Lucas; o episódio dos anjos, que anunciam o nascimento de Cristo aos pastores; o astro miraculoso, que o anuncia ao Universo inteiro; os reis que o veem adorar publicamente, e que á sua chegada agitam toda a Belém; as revelações de Simeão e de Ana, que o proclamam o Messias prometido, ao vermos que daí a poucos anos já ninguém se lembra de tais prodígios, já ninguém sabe ou vê nada de extraordinário nessa criança divina e tão preconisada de vespera?

Não é extraordinário que ninguém veja nesse Jesus mais do que o pobre filho de Maria e do carpinteiro José? Dada a grande publicidade e natureza desses factos e a expectativa febril em que se achava o povo hebreu, pelo advento do seu Messias, como é possível conciliar a historicidade de tais acontecimentos com um tão rápido e profundo esquecimento? Facto digno de reflexão! ⁽¹⁾

E o que mais é para extranhar ainda é que até os mais íntimos parentes de Jesus ignorarem igualmente a sua missão.

De facto, sua mãe e seus irmãos e amigos, como nos diz o Evangelho, ao ouvirem que Jesus encetára a sua carreira apostólica tentaram impedi-lo, segundo se colige dos vv. 21 e 32-35 do capitulo terceiro de Mc., chegando até a exclamar: «Ele está fóra do seu juizo!» «Quia demens est!» ou como tem o original grêgo: «elegu gar oti exeste».

O mesmo Mc. nos refere algumas palavras em que Cristo se queixa amargamente de não ser recebido como profeta nem na sua pátria nem entre os seus parentes nem em sua própria casa. (Mc. vi ⁴⁻⁶).

João no cap. vii relata-nos um incidente em que os irmãos de Jesus se lhe dirigem em termos cheios de uma

¹ E' particularmente inexplicável que o próprio Báptista cuja concepção, nascimento e destinos estavam tão estreitamente unidos aos de Cristo e haviam sido acompanhados de factos tão estrondosos, confirmadores da sua missão e da de Cristo, jámais tenha ouvido falar de quem fosse o Cristo, que de mais a mais era seu primo.

Ele, de facto, como claramente nos indica o Evangelho, ignorava por completo tudo isso, e só reconheceu a Cristo quando éste se lhe apresentou, para receber dele o baptismo, e uma voz do ceu o proclamou «O Messias prometido».

ironia penetrante: e como nos diz o mesmo evangelista: «Os seus irmãos também não acreditavam nele».

Ora, como conciliar tudo isto com os prodígios, que os Evangelhos nos dizem terem acompanhado o seu nascimento?

Lembremo-nos de que recorrer ao sobrenatural para provar ou explicar o sobrenatural é um circulo vicioso, em questões de história.

Não nos sugere tudo isto que ao menos alguns pontos da sobredita narrativa evangélica são em parte cópia de lendas estranhas?

Donde terá vindo também a tradição de que um jumento e uma vaca se encontravam ao lado de Jesus recém-nascido?

Nós sabemos que ambos êsses animais estão em conexão com as divindades solares ⁽¹⁾ e que ambos êles desempenharam um papel importante no Mitraísmo.

Alguns autores teem também julgado dever attribuir o episódio da veste inconsutil de Cristo a influências pérsicas ou mitraíticas, sendo que tal veste era nos mistérios Mazdeus o símbolo da luz solar.

Outros pontos, que para alguns autores são suspeitos de análogas influencias são por exemplo a idéa de que o baptismo é imagem da morte, a matança dos inocentes, a fuga para o Egypto, a entrada triumphal em Jerusalém e algumas passagens apocalíticas, ⁽²⁾ particularmente a idéa do conflito final entre Jesus e Satan, ⁽³⁾ e o episódio da mulher misteriosa. Um outro facto para alguns autores suspeito de influências irânicas é o episódio da mulher de quem Jesus expelle sete diabos. Uma creatura com sete diabos no corpo, já é um fenómeno digno de registo. Para quê tantos diabos?

⁽¹⁾ Vid. Jensen, Kos. 108 etc. e M'Lenan, «Studies» (Bochart, I, 141). Hehn, «Kulturpflanzen und Hausthiere».

⁽²⁾ Cf. Robertson, «The Mystery-Play and the cultus». «Christianity and Mythology».

⁽³⁾ Cf. Gunkel. Bousset escreve: «It embodies a myth of the birth of the sun-god and the persecution of the yennng child by the dragon, the deity of Winter and hight. The apocaliptist has changed the sun-god into the persecutoa into the devil and the deliverance of the child into the resurrection».

Esqueceria-se Deus, neste caso, do célebre axioma «Entia non sunt multiplicanda sine necessitate»? ⁽¹⁾

Ha quem veja também análogas influências na narrativa da mulher adúltera. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Esta idea dos 7 diabos é essencialmente pérsica. cf. Encyc. Bibl., «The grouping of seven demons. . . appears to be shaped by Persian influence.» cf. Edersheim, «Life of Jesus»; Weber, «Alt. Theol.»; Limmern, Vater, Sohn u. Fürsprecher; etc.

Não será também fóra de propósito chamar a atenção do leitor para o facto de que os Evangelhos nos apresentam o Cristo como pregador da Escatologia e partidário da idea errônea de que as enfermidades físicas não são mais que uma consequência dos pecados pessoais ou dos parentes. E' digno de reparo que ambas estas ideas existissem, no Zoroastrismo, anteriormente ao Cristianismo. E serão elas realmente palavras de Cristo? Se assim fóra teríamos que Cristo se teria enganado. Os subterfúgios a que os apologistas têm recorrido, para se livrarem de dificuldades, na explicação destes e outros pontos do Evangelho, mais merecem o nome de chicanas que de outra coisa.

⁽²⁾ Teem-se encontrado lendas parecidas com esta entre os povos orientais, o que levou alguns autores a suporem que ela tenha em parte derivado delas. Acresce a isto, que este trecho evangélico é muito provavelmente uma interpolação, o que vem reforçar as suspeitas de origem estranha.

De facto, êle falta nos mais autorizados e antigos documentos ou «Missurètes» do Evangelho, como por exemplo nos \aleph , A, B, C, N, T, X e em 100 Cursivos; L, Δ deixam um espaço em branco, neste ponto, não se atrevendo a copiá-lo; E, M, S, λ , π e 60 Cursivos marcam este episódio com um asterístico, para nos darem a entender que duvidam da sua autenticidade; em outros códices acha-se deslocado; em alguns vem só ao fim, e em outros acha-se, ao fim do capitulo 21 do Ev. de Lucas. E' também para notar que êle falta nas Versões, Gótica, Siríaca, Arménica, Saídica, etc. De mais, como muitos críticos teem observado, o estilo deste episódio é diferente do estilo do resto do Evangelho e vem cortar o fio das ideas, neste ponto.

Não se escandalise o leitor do que eu acabo de dizer; as interpolações, que se introduziram nos Evangelhos são muito numerosas e algumas delas de grande gravidade. O mesmo capitulo 21 de S. João é tido como espúrio, por todos os críticos liberais e até por alguns católicos, como Calmes, Reithmar, Corluy, etc. e o mesmo se diga da final do Evangelho de Marcos, que falta também nos mais correctos e antigos códices, como \aleph e B, L, K, ψ , etc., também não existe na versão Armén., no texto Sinaítico de Lewis e em muitos Cursivos, não foi conhecida de Clem. d'Alex., Origenes, Tertuliano, Cipriano, Cirilo, Dinís de Alexandria, etc., Eusébio nega-lhe a autenticidade cf. Jacquier, «Histoire des Livres du Nouveau Testament» tome II, pag. 501. «Le témoignage d'Eusèbe sur cette finale est caractéristique, et cela d'autant plus qu'il discute *ex professo* ces douze derniers versets. Dans son traité, «Peri diafonias ton Evangelion» Eusébe se demande comment le Sauveur a pu, d'après Mt. XXVIII, 1,

O episódio do baptismo de Cristo e as suas tentações no deserto parece terem sido igualmente influenciadas pelos mesmos factores, como diz Conybare. Com efeito, é difficil harmonisar os fenómenos miraculosos, que acompanham o baptismo de Cristo, como por exemplo, a voz do céu que o proclama o seu filho predilecto, a pomba que desce sôbre êle, a revelação, que o Baptista parece ter tido da divina missão de Jesus com o facto de que

être resuscité, ôpce de Sabaton» tandis que, d'après Mc. XVI, 9, il aurait été. «proi prote Sabaton». Il repond que dans les manuscrits corrects, l'évangile de Marc se termine au v. 8, et cela dans presque tous les manuscrits» etc.

A mesma afirmação se encontra em Esíquio de Jerusalém; o mesmo S. Jerónimo diz: «Hujus quaestionis duplex solutio est. Aut enim non recipimus Marci testimonium, quod **in rarls fertur Evangelis**, omnibus graecis libris pene nec capitulum non habentibus, praesertim quum diversa atque contraria evangelistis ceteris, narrare videatur.» Ad Hed., 3.

A mesma ordem das ideas nos mostra não ser obra da mesma pena. O dia e hora da Res. de Cristo já haviam sido indicadas, no v. 1, não obstante de novo se nos repetem no v. 9, sem necessidade alguma; tambem não se tem conseguido saber a que se possa referir «anastas de», e fala-se da Magdalena como se fôra completamente desconhecida, sendo que pouco antes se falára dela, por tres vezes.

A foraseologia é diferente da do resto do Evangelho; nela se encontram palavras e expressões completamente desconhecidas a Marcos. Nestes 12 vv. acham-se mais de 20 palavras estranhas ao resto do Evangelho, e opostas ao modo ordinário em que Mc. costuma exprimir-se!

As frases de Mc. são curtas, o seu grego é mau, e une as proposições, quasi sempre, por «*καὶ*» ou «*δέ*» ao passo que neste trecho depara-se nos um grêgo bom cujas proposições são muito bem unidas.

A cresce a tudo isto que recentemente se encontrou um manuscrito antiquissimo, que diz ser Aristion o seu autor.

A titulo de illustração, permita-me o leitor que lhe cite algumas outras interpolações, que a falta de escrúpuls de alguns escritores cristãos introduziu, nos Evangelhos. No Evangelho de S. João apresentam-se nos, como interpoladas, entre outras, as passagens seguintes: C. III 6, 8, 13, V 3, 4, VI 56-59, VII 53, VIII 11, etc.; no Evangelho de Lucas, temos: c. I 28, VI 1, 5, 17, IX 54 55, XVII 11, XVI 11, XXII 43, 44, 68, XXIII 2, 5, 34, 50, XXIV 42 etc.; no de Marcos temos: c. VII 13, IX 24, X 22, 24, XII 40, XIII 2, XIV 68, etc.; no de Mateus temos: c. VII 22, X 23, XVI 2, 3; XX 16, 28, XXI 1, etc.; além destas interpolações ha outras talvez não tão grosseiras, mas assaz reveladores das tendencias suspeitas dos primeiros escritores cristãos. Assim, transpõem sem escrúpulo os textos de um evangelho para o outro, para que dêste modo fique mais solidamente estabelecida a sua autoridade, etc.! Cito apenas alguns exemplos: o versículo 28 do capítulo 21 de Lc. passou para o capítulo 24 v. 32 de Mt.; o v. 34 do capítulo 17 de Lc. pas-

em breve o mesmo Baptista duvida da missão do mesmo Cristo e lhe envia uma deputação para o interrogar se elle é ou não o Messias, o enviado de Deus!

E' igualmente difficil de entender que depois dos factos miraculosos do Jordão e dos encómios que o Baptista lhe tece, por essa ocasião, os discípulos dêste se escandalisem das pretensões de Cristo e lhe contestem até o poder de baptisar, como João baptisava!

sou para o capítulo 24 v. 41 de Mt.; o v. 31 do capítulo 11 de Lc. é tirado do capítulo 12 v. 40 de Mt., etc. A mesma instituição da Eucaristia, em que parece que os escritores cristãos deviam ter procedido com a máxima lisura e escrúpulo, foi objecto de alterações análogas, em Lc. Com effeito alguns documentos antigos de Lc., como por exemplo, D, ff², i, l suprimem os vv. 19^b, 20; alguns MSS. latinos antiquíssimos, v.g. b, e substituem os vv. 19^b e 20 pelos vv. 17 e 18. A versão Siríaca Curet. faz a mesma transposição, completando as palavras de Jesus, sobre o pão, com o texto tirado de Paulo I Cor. XI 24, e o mesmo faz a versão Siríaca lud., com respeito ao calix.

Outras interpolações de um carácter gravíssimo, em razão do conteúdo doutrinal, são o célebre texto das tres testemunhas de João, em favor das ideas trinitárias, o não menos célebre texto de Mt. «Euntes ergo docete. . .», e o «Tu es Petrus. . .» (cf. N. Schmidt, prof. na Univ. de New-York. «It has long been recognised that Mt. XVI 17-19 is a late interpolation.» cf. tambem Harnack e Wernle, Syn. Frag.) Tendências igualmente suspeitas se nos manifestam no facto de que os Evangelistas citam várias vezes textos do Antigo Testamento, modificando-lhes o sentido, para provarem o que elles pretendem!

As narrativas referentes á infância de Cristo devem tambem ser tomadas com especial precaução. Os críticos contemporâneos são quasi unânicos em olha-las como espúrias e influenciadas, por elementos extranhos. Cf. A. Resch, «Das Kindes heitsevangelium nach Lk. und Mt.», P. Corssen, Göttingische Gelehrte Anzeigen», Hartland, «Legend of Perseus», Usener, «Rel. Gesch. Unt.», Hofmann, Harnack, etc.

Ha também no N. T. algumas narrativas em aberta contradição com outras, como por exemplo, o Concílio de Jerusalém, o carácter de Paulo nos Actos e nas Epístolas, o dia da Paixão, alguns pormenores da história de Judas, vários episódios da Resurreição, os célebres textos referentes ao divórcio, etc. O texto de Mateus, particularmente, (cf. Mt. c. 19) tem sido para os apologistas, um osso terrivel, a que têm dado mil voltas, mas que não chegaram ainda nem chegarão a digerir. De facto elle é demasiado forte para ser dissolvido, pelos ingredientes de que dispõe a farmacopeia teológica. De natureza mais grave ainda é o carácter contraditório com que nos é apresentada a personalidade mesma do Cristo, nos Sinopticos e no quarto Evangelho. Ao passo que aquêles no-lo apresentem, como um mestre essencialmente popular, alheio a especulações filosóficas e inimigo de polémicas taológicas, este no-lo pinta como um filósofo rebuscado e

Pelo que diz respeito ás tentações do deserto, os intérpretes não têm suado pouco para nos darem delas uma explicação razoável e os mais francos, para se livrarem de dificuldades têm recorrido a uma interpretação meramente alegórica. Por outro lado, encontramos nos documentos Zoroásticos lendas paralelas, o que parece sugerir-nos que elas tenham sido influenciadas por estas. Vejâmo-lo: Zoroaste, o grande profeta de Aura e de Mitra, ao chegar aos trinta anos é, como Jesus, iluminado por Vohu-

teólogo incorrigível, que não perde ocasião de entrar em discussões e teologar «*opportune et importune*», mesmo quando se dirige aos iletrados, á pobre gente do campo; aqueles dizem-nos que êle teve um cuidado muito particular em ocultar até ao fim a sua qualidade Messiânica, chegando até a impor autoritativamente silêncio a todos os que o declaravam o eleito de Deus, êste, pelo contrário, apresento-lo, logo desde o princípio, como ancioso impaciente, direi, por se tornar conhecido como tal, não perdendo para isso o mínimo ensejo de se apregoar a si mesmo!

Ora, que nos sugere tudo isto? Simplesmente que os escritos primitivos do cristianismo se devem tomar com certas precauções, e que não é muito para admirar que tenha havido neles infiltrações de elementos estranhos, desvios, etc.

E como confirmação do que acabo de referir, tomemos um ponto, que não deixa de ter seu interesse particular nesta questão, e em que, segundo creio, todas as leis da psicologia humana estão em irreconciliável colisão com a narrativa evangélica.

Assim, como é possível que os mesmos apóstolos depois de por tres anos terem convivido com Cristo, e presenciado tantos e tão assombrosos milagres, como o resuscitar de tantos mortos, o curar de tantas e tão graves enfermidades, a obediencia que lhe prestam todos os elementos da natureza, a previsão do futuro, as vozes do céu, que perante multidões compactas de povo o proclamam o Messias prometido, e mandam que o acreditem, «*Ipsium audite*», os mesmos fenómenos prodigiosos, que acompanham a Paixão, tais como o anjo, que o vem consolar, os soldados qae cáem tres vezes por terra, ao mero som da sua palavra onnipotente, a cura instantânea de Malco, o episódio da Verónica, o sol que se eclipsa, a terra, que se estorce em convulsões, as pedras que se despedaçam, os mortos, que resuscitam e entram em Jerusalém, etc., como é possível, repito, que depois de tudo isto e de tantos outros fenómenos, que, por brevidade omito, os mesmos apóstolos possam admitir a mínima dúvida ácerca da veracidade de Cristo e da sua Missão, como nos dizem os Evangelhos que admitiram? Não será mais racional confessar que neste ponto os biógrafos de Cristo se devem ter consciante ou inconscientemente desviado da verdade? E note-se que eu dizendo isto, de modo nenhum pretendo atacar o facto em si da Ressurreição de Cristo, mas simplesmente sugerir ao leitor imparcial que no Evangelho deve ter havido infiltrações de elementos estranhos.

mann ou o deus espírito, que desce sôbre êle, junto ao rio Darya. Ao mesmo tempo êle entra, como Cristo, em luta com o génio do mal, Ahriman, que a principio se esforça por vencê-lo, por violência, mas ao reconhecer a inutilidade dos seus esforços, muda de tactica tentando agora conquista-lo pela sedução. Para êste efeito, oferta-lhe o império de todo o mundo, como fez Satan a Jesus, com a unica condição de que renuncia á lei de Aura. A resposta que Zoroástes dá ao tentador é também parecida com a de Jesus. «As palavras ensinadas por Aura, diz êle, são as minhas armas, as minhas melhores armas.»

Por fim, ha um outro ponto no Evangelho, que segundo creio ninguem imune de preconceitos religiosos admitirá como autêntico, suposta á divindade de Cristo, e que póde muito bem ser; tenha sido influenciado pelas idéas isotéricas, que vigoravam no Mitraísmo. ⁽¹⁾ Lemos no Evangelho que Cristo ensinou por parábolas. E para quê? Notae-o bem: «para que os homens *vendo não vissem e ouvindo não entendessem*. . . para que não se dêsse o caso de que se **convertessem** e se **lhes perdoasse**»!!

Estas palavras nos lábios de um verdadeiro Cristo são, creio eu, de um barbarismo inexplicavel. Cristo, que vem ensinar aos homens, que se dirige ao pobres e aos pequeninos e cuja missão é salvar a todos, *e de todos ser compreendido*, podia lá servir-se de parábolas para que os seus filhos o não entendessem? . . . Se isto é digno de um tal mestre, julgai-o vós.

Mais inexplicaveis ainda, são as mesquinhas intenções, que se atribuem ao seu ensino, isto é, que o Cristo lança mão de tais processos, para que os homens, filhos seus, «*não se convertam e se lhes perdôe*»!

Meus senhores, ou estas palavras e intenções, que os Evangelhos atribuem a Cristo não passam de uma mera infiltração das ideas isotéricas do Mitraísmo ou do meio

(1) Cf. Crunont, «Les origines». «Le nom grec de mystères que les auteurs appliquent à cette religion ne doit point faire illusion. Ce n'est pas à l'imitation des cultes helléniques que ses adeptes constituèrent leurs sociétés secrètes, dout la doctrine ésotérique n'était révélée qu'à la suite d'initiations graduées. . . La divulgation intégrale des croyances et des pratiques sacrées fut toujours réservée à de rares privilégiés, et cette science mystique semblait d'autant plus précieuse qu'elle restait plus occulte».

ambiente que respiravam os biógrafos de Jesus, ou, a serem de facto palavras suas, a auréola de oiro, que lhe cinge a fronte radiante se converteria. . . em um arco de latão.

Bibliografia.— Cumont, «Textes et monuments»; Robertson, «Christianity and Mythology»; H. Seel, «Die Mithrageheimnisse»; Sainte Croix, «Recherches sur les Mystères du Paganisme»; Creuzer, «Das Mithreum von Neuenheim bei Heidelberg»; Lajard, «Recherches sur le culte public et les Mystères de Mithra»; Dill, «Roman Society from Nero to Marcus Aurelius»; Renan, «Marc. Aurèle»; J. Réville, «La Religion à Rome sous les Sévères»; Hausrath, «History of N. T. Times: Time of the Apostles»; Martindale, «C. I. S. pamphlet»; S. Reinach, «La morale du Mithraïsme» dans «Cultes, mythes et religions»; G. Wolff, «Ueber Mithrasdienst und Mithräen»; Clemen, «Religionsgesch. Erklärung des Neuen Testaments»; A. d'Alès, «Mithraïsme et christianisme»; Kluge, «Der Mithrakult»; Grill, «Die persische Mysterienreligion und das Christentum»; Roeses, «Über Mithras dienst»; Luigi Campi, «Il culto di Mitra nella Naumia».

AGOSTINHO D'ALMEIDA.



: Questionario :

QABEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convém que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao **BOLETIM** e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer

Perguntas:

47 — **Universidades Populares.**
— Pode alguém dizer-me qual a função social que as Universidades Populares desempenham? Universidades Livres e Universidades Populares designam uma mesma variedade de instituições educativas? — *Estudioso.*



48 — **Empréstimos do Estado.**
— Tenho lido que o Estado distribue dinheiro á Agricultura a juros muito modicos. Não se está em presença duma grave desigualdade administrativa não dando o Estado ao Comercio e á Industria identica concessão? A minha opinião é boa ou a sciencia economica pode provar a sem razão deste raciocinio? — *Industrial.*



49 — **Instalações Electricas.** —
Necessitando fazer uma instalação electrica para iluminação, desejava saber qual a amperagem maxima admitida por um conductor de 1 m/m de secção? Qual o regulamento existente sobre este assunto? — *Socio 3241.*

Respostas

Á pergunta n.º 45 — Peça as obras de Hyppolite Charlon e Leon Mariè (em francês) ou o afamado Texte-book (em inglês), isto quanto a algebra financeira, pois quanto á actuarial les assurances sur la vie de Potesin du Motel é um esplendido livro. Podia-se citar um mare magnum de publicações sobre estes assuntos mas do inicio são estes muito suficientes. — *Socio efectivo n.º 85.*



Em prol da nossa Universidade

Apelamos para o auxilio de todos os nossos socios e subscritores, certos de que seremos atendidos, dado o seu muito amor a esta instituição. Assim, pedimos que cada um deles proponha, ao menos, um novo consocio, o que virá aumentar as nossas receitas, habilitando-nos a arcarmos facilmente com os nossos encargos administrativos, tornados já pesados pelas varias inovações e melhoramentos com que temos levantado o funcionamento da Universidade, e ainda a promover-lhe maior prosperidade.

Cursos

No dia 26 de outubro iniciaram as aulas dos cursos professados na nossa sede, achando-se matriculados setecentos e sessenta associados, nas seguintes disciplinas: Lingua Alemã 16; Algebra Elementar 13; Caligrafia 71; Dactilografia 28; Desenho geometrico e de ornato 31; Escrituração Comercial 86; Lingua Francesa (1.º ano) 145, (2.º ano) 45; Geografia Geral 10; Lingua Inglesa 132; Literatura Portuguesa 35; Matematica Elementar 64; Matematica para o Comercio 18; Modelagem 10; Quimica 11; Ciencias Naturaes 5; Taquigrafia 40.

O Conselho Administrativo sente-se orgulhoso por ter conseguido a aquiescencia dos prestantes cidadãos, em seguida indicados, ao pedido que lhes foi formulado para se encarregarem da regencia das disciplinas supracitadas. Publicando os seus nomes, o Conselho Administrativo patenteia-lhes, mais uma vez, a sua muita gratidão pelos inolvidaveis

serviços dispensados á Universidade Livre — José de Lís Ferreira Junior, Lingua Alemã e Algebra; José Soares d'Almeida Caligrafia; Antonio Jorge Rodrigues, Dactilografia; Eduardo Cosmeli Sant'Ana, Desenho; Carlos Frago, Escrituração Comercial; Prof. Alfredo Apell: Lingua Francesa; João de Matos Rodrigues, Geografia; Adalberto Veiga, Lingua Inglesa; Engenheiro Joaquim Siqueira Coutinho, Literatura; Oscar Armandio Costa e Sousa, Matematica Elementar; Luciano Oliveira Ribeiro, Matematica para o Comercio; Rodrigo de Castro, Modelagem; Manoel Veras, Quimica; Engenheiro Bernardo Villa Nova, Ciencias Naturaes; Manoel Joaquim da Costa, Taquigrafia.

Conferencias

No ultimo domingo deste mês o distinto Engenheiro Ex.^{mo} Sr. Afonso de Castilho iniciou uma serie de conferencias sobre «*Maquinas de vapor*».

O Conselho Administrativo conta que no presente ano lectivo se realise interessantes conferencias sobre varios assuntos de interesse geral, podendo já anunciar que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Rodolfo Xavier da Silva, distinto medico antropologista, realizará, mui brevemente, uma serie de conferencias sobre «Processos de identificação civil e criminal». Igualmente o erudito professor da Faculdade de Letras Ex.^{mo} Sr. Agostinho Fortes, em dezembro proximo, iniciará um curso, sobre «Historia Patria». O Conselho Administrativo tem persistido nos instantes pedidos de colaboração a outros trabalhadores intellectuaes da nossa terra e conta proximamente registrar a anuencia de novos elementos.

Da Imprensa

A' parte as referencias que são feitas a esta instituição na imprensa com o simples fim noticioso iremos registando quaesquer palavras de incitamento ou critica que essa artilharia do pensamento — como a denominou Schopenhauer — julga oportuno dirigir-lhe.

Cabe agora a vês ao «Jornal d'Alemquer» que numa cronica do seu numero de 15 deste mês nos dirigiu algumas palavras encomiasticas que não nos envaidecendo mais nos obrigam a não vacilar na senda que ha tres anos vimos trilhando.

Agradecemos e muito especialmente é grato recordar que o nome do nosso indefesso colaborador — o erudito poliglota e professor Alfredo Apell foi citado muito justamente a proposito do seu extraordinario trabalho na Universidade Livre, — os seus cursos do francês — Por esta referencia reiteramos os nossos agradecimentos.

Les Premières Leçons de Français

Quando no ano lectivo proximo passado o Conselho Administrativo assistiu ao funcionamento do curso da lingua francesa e notou a satisfação, a grande frequencia e rapidos progressos obtidos pelos alunos, fez logo tenção de publicar um livro que condensásse todo o trabalho dispendido.

O ilustre professor da Faculdade de Letras, Sr. Alfredo Apell regeu este curso em 1912-913-914 com um carinho de quem exerce a profissão com verdadeiro sacerdotio, com um desinteresse patriotico, com um saber profundo e com tanta proficiencia aplicar o seu metodo d'ensino, claro, rapido e intuitivo, que em vinte e sete lições teve a satisfação de vêr os seus numerosos alunos habilitados convenientemente.

Este susêso deve-o, sem duvida, não só ao belo metodo usado, mas, principalmente, ao grande poder suggestionador que este distincto professor exerce sobre os alunos que os força instinctivamente a aprender.

O Sr. Alfredo Apell veio para Portugal a instancias do saudoso professor Consiglieri Pedroso no tempo em que este estudava as linguas do norte da Europa, nas quaes o sr. Apell é extremamente entendido e em quem encontrou um poderoso auxiliar. O sr. Apell fala correctamente doze linguas e traduz vinte e duas. E' o autor do dicionário das seis linguas. Francofilo por educação, é-o, tambem, pelo profundo conhecimento que tem da lingua francesa cuja literatura tem encantos que o seu bom gosto põe em fóco. O sr. Apell ama o nosso país, para cuja resurreição trabalha com fé.

O Conselho Administrativo cumpre pois um dever, não só publicando o metodo, o que é de certo modo uma homenagem ao

seu talento, como testemunha publicamente a sua muita gratidão pelos altos serviços prestados desinteressadamente a esta instituição que o tornam crêdor do respeito publico pelo muito que faz em favor da causa da Instrução Popular.

O livro «Les Premiéres Leçons de Français» profusamente ilustrado, compõe-se de trinta lições, afóra exercicios e gramatica, tendo duzentos e sessenta paginas.

Publicações da Universidade Livre

O Conselho Administrativo, tendo em vista a muita necessi-

dade em se fazer uma intensa propaganda, quer no Continente como no Brazil, das suas lições, conferencias e do livro recentemente editado sobre o ensino da lingua francesa, resolveu encarregar a importante Livraria Aillaud, Alves & C.^a, por intermedio dos seus agentes e correspondentes, de dirigir a venda de todas as publicações desta Instituição.

Os socios teem direito ao desconto de 20 %, na livraria supracitada quando munidos da necessaria requisição passada na nossa séde.



Balancête do mês de Novembro de 1914

DEVE (Receita)

	Saldo de Outubro.	75\$11
Subscritores:		
	Cobrança deste mês.....	96\$94
Efectivos:		
	Idem, idem.....	14\$20 111\$14
Publicações:		
	Pela venda de 64 livros francês..	57\$60
	Idem, lições, etc.	9\$36 66\$96
Subsidios:		
	Da Camara Municipal.	20\$00
	Da Assistencia.....	15\$00 35\$00
Matriculas:		
	Deste mês.....	20\$30
Cartões de identidade:		
	Vendidos	6\$70
Gastos gerais:		
	Consumo d'electricidade neste mez	1\$50 241\$60
		<u>316\$71</u>

HAVER (Despeza)

Rendas:		
	Mês de Dezembro	35\$00
Publicações:		
	Pago a Eduardo Rosa, por c/ do livro de francês.....	100\$00
	Tipografia Mauricio.....	15\$60
	Por 1 livro d'alemão.....	\$90 116\$50
Propaganda:		
	Ramos & Silva, clichés.....	1\$89
	C/ Francisco Monteiro.....	2\$10 3\$99
Percentagens:		
	Aos cobradores	11\$08
Moveis e utensilios:		
	1 quadro e pranchetas para desenho.....	23\$46
Abonos em c/c:		
	Daniel G. d'Almeida, s/ obrigação n.º 83...	5\$00
Despesas gerais:		
	Neste mês	82\$04,5 277\$07,5
	Saldo para Novembro	<u>39\$63,5</u>

A PRASO	A JURO SIMPLES	A JURO COMPOSTO
1 mez	\$10,0.5	\$10,0.487
3 mezes	\$10,1.5	\$10,1.467
6 »	\$10,3	\$10,2.956
1 ano	\$10,6	\$10,6
5 anos	\$13,0	\$13,3.823
10 »	\$16,0	\$17,9.085

Nota: A unidade de tempo considerada, é um ano.

SECÇÃO V

TAXAS EQUIVALENTES

Denominam-se *Taxas equivalentes* aquelas que, referidas a unidades de tempo diferentes, produzem, applicados a um capital o mesmo valor acumulado a juros compostos, no mesmo tempo.

Assim eu direi, por exemplo que a taxa anual a é equivalente a taxa mensal b , se no fim de um ano eu obtiver o mesmo valor acumulado com uma do que com a outra.

Vamos então, agora, deduzir as formulas que nos dão o valor das taxas equivalentes.

Se as capitalisações fossem feitas a juros simples, a questão era facil, pois, como o valor do juro se não junta ao capital para formar o novo capital, bastava-me, para obter por exemplo a taxa mensal, dividir a taxa anual por 12. Mas trata-se de capitalisações a juro composto, vamos então á formula do valor acumulado a juro composto,

$$M = C (1 + t)^n$$

em que t é a taxa na unidade de tempo, e n um numero de unidades de tempo, e imaginamos que o tempo está dividido em q periodos.

Considerando, para simplificar, $C=1$ e $n=1$ será necessario, pela definição, para que as taxas sejam equivalentes que :

$$(1+t) = (1+t')^q$$

D'aqui eu tiro o valor de t' , conhecendo t , será :

$$t' = (1+t)^{\frac{1}{q}} - 1 \quad . \quad . \quad . \quad (5)$$

Sendo conhecido o t' e pretendendo determinar-se o t , será então :

$$t = (1+t')^q - 1 \quad . \quad . \quad . \quad (6)$$

Exemplificando :

1.º — Qual a taxa semestral equivalente á taxa anual 4 %?

$$t' = 1,04^{\frac{1}{2}} - 1$$

$$t' = 0,5198039$$

Se fosse a juros simples, seria 2 % a taxa semestral. Estas taxas a juros simples, chamam-se *taxas proporcionaes*.

2.º — Calcular a taxa anual equivalente á taxa semestral 2 %.

Será :

$$1 = 1,02^2 - 1$$

$$1 = 0,0404$$

Tendo já estudado as taxas equivalentes vamos agora ver qual será a formula que nos dá o valor acumulado a juros compostos, quando o tempo não for um numero inteiro de unidades de tempo.

Supunhamos que a duração do contracto é a quantidade fraccionaria $n + \frac{1}{q}$ em que n é um numero inteiro de

unidades de tempo e $\frac{1}{q}$ uma fracção de uma dessas unidades.

E' claro que o valor acumulado durante os n periodos mais o valor acumulado pelo novo capital durante o tempo $\frac{1}{q}$ contado como uma nova unidade de tempo á taxa equivalente t' deve ser o valor pedido.

Então será:

$$M = C (1 + t)^n + C t' (1 + t)^n = C (1 + t)^n (1 + t')$$

Ora, pela formula

$$t' = (1 + t)^{\frac{1}{q}} - 1$$

temos, substituindo:

$$M = (1 + t)^n (1 + t)^{\frac{1}{q}}$$

d'onde

$$M = C (1 + t)^{n + \frac{1}{q}} \quad \dots \quad (7)$$

que é a mesma formula do caso vulgar.

Exercícios:

1.º — Calcular as taxas semestral mensal e semanal equivalentes ás taxas anuaes 3 0/0, 5 0/0 e 6 0/0.

2.º — Calcular a taxa anual equivalentes as taxas semestraes, mensaes e anuaes 3 0/0, 5 0/0 e 6 0/0.

CAPITULO II

DESCONTOS

SECÇÃO I

DEFINIÇÃO

Do mesmo modo que o pagamento de um capital exigível imediatamente se pode fazer numa data posterior, mediante um premio chamado juro tambem num capital exigível em determinada época, pode receber-se antecipadamente mediante um premio chamado *Desconto*; e á operação que dá logar a este premio, chama-se *operação de desconto*. E' pois, o desconto o prémio da operação de desconto.

Se um devedor não pode pagar imediatamente ao seu credor numa determinada quantia, aceita-lhe uma letra. O Credor, pode necessitar de receber imediatamente o valor dessa letra. A operação que tem de efectuar para esse fim, é a operação de desconto. Propõe a um banco o desconto da letra, e o banco entrega-lhe o valor da letra menos o valor do desconto.

Em finanças chama-se valor nominal duma letra, ao valor dela no dia do vencimento, isto é, ao valor que está escrito na letra; e chama-se valor actual da letra, ao valor que ela tem antes desse momento.

E' claro que, se eu chamar V ao valor nominal da letra e D ao valor do desconto; o actual será:

$$V' = V - D$$

SECÇÃO II

CALCULO DO DESCONTO

Ha 3 modos distinctos de considerar a operação de desconto; assim temos tres tipos de desconto:

- a) Desconto por fóra ou Comercial.
- b) Desconto por dentro ou racional.
- c) Desconto a juro composto.